

Na esquina do Bar d'A Lôca: produção de sexualidades no cruzamento com a produção da cidade de São Paulo

BRUNO PUCCINELLI

Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil

DOI 10.11606/issn.2316-9133.v23i23p109-124

resumo Sexualidade que produz cidade. Este artigo parte de um ponto na cidade de São Paulo para pensar a própria produção da cidade a partir de definições sócio-sexuais. Localizado na esquina das ruas Frei Caneca e Peixoto Gomide, o Bar d'A Lôca surge como aglutinador de identidades sexuais, resumidas no termo gay, assim como ponto epicentral de onde se fala do que é o Centro da cidade. Mais do que outro dos vários espaços da sociabilidade paulistana dita gay, o bar é definidor; assim como a esquina e a rua, em relação a outras, mapeia São Paulo e altera sua geografia.

palavras-chave Espaço Citadino; Sexualidade; Centralidade; Rua Frei Caneca; São Paulo

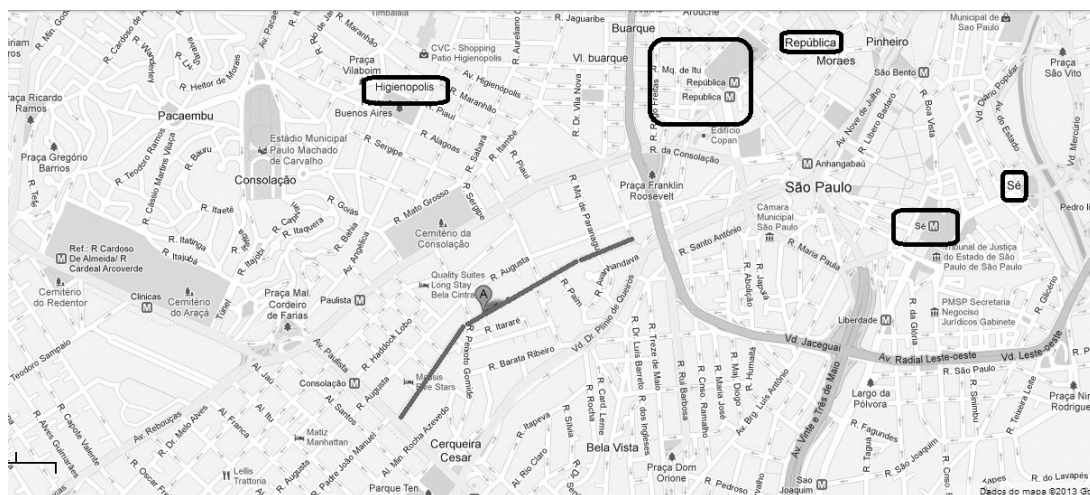
On the Bar d'A Loka's corner: production of sexualities at the intersection with the production of São Paulo city

abstract Sexuality producing city. This paper starts from a point in the city of São Paulo to think the very production of the city from socio-sexual settings. Located on the corner of Frei Caneca St. and Peixoto Gomide St., the Bar d'A Lôca emerges as unifying sexual identities, summarized in the term gay, as well as epicentral point of speaking of what the city center. More than any other of the various spaces of sociability gay, the bar is defining, as well as the street corner and the street, in relation to others, São Paulo maps and alters its geography.

keywords City Space; Sexuality; Centrality; Frei Caneca Street; São Paulo

Nenhuma cidade se resume a uma esquina, nem mesmo a uma rua; e muito menos uma rua ou esquina podem dar conta de uma cidade inteira. Mas, analiticamente, é possível tratar de uma espacialidade na cidade que contenha e seja contida pela experiência citadina, ou melhor, por uma possibilidade de experiência citadina. Na esquina das ruas Frei Caneca e Peixoto Gomide, na cidade de São Paulo, por exemplo, há uma movimentação que imprime àquela localidade um cenário ímpar: caminhas, presença de um grande contingente de pessoas, falatório, avanço para a rua, extensão para os centros das calçadas, extensões semânticas para um “Centro”¹ da cidade.

O presente artigo apresenta a produção da cidade de São Paulo pela via da produção de sexualidades, ou diferenças sociais baseadas em identidades sexuais. A pesquisa² na qual se baseia este texto envolveu diversos níveis de investigação e de produção de dados, mas irei me ater ao trabalho de campo realizado na esquina da Rua Frei Caneca com a Rua Peixoto Gomide³. Tal como trecho escolhido, essa esquina resume muito do observado mais amplamente na região, principalmente no que se refere ao contexto de produção da Rua Frei Caneca como “rua gay”⁴, ou “a rua gay de São Paulo”⁵. Não pretendo esmiuçar esse contexto; aponto como marcos importantes nessa definição o projeto de tornar a rua oficialmente “gay” e, anterior a isso, a inauguração do Shopping Frei Caneca⁶. Esses dois pontos marcam uma “oficialização” midiática mais geral da rua congregando-lhe uma identidade sexual,



Mapa 1 – A Rua Frei Caneca (em vermelho) em relação a uma região maior da cidade. Destacados alguns pontos relacionados à rua na discussão que segue no artigo. Fonte: Google, 2013.

ainda que a identificação dessa região por sua frequência “gay”⁷ seja mais antiga.

No espaço escolhido fica um dos lugares mais conhecidos e frequentados da rua nas noites e aos finais de semana, o Bar d’A Lôca. Oficialmente esse espaço de consumo, encontro, sociabilidade e identidade chama-se To-Ze, abreviação das primeiras sílabas dos proprietários. Com o tempo, e uma apropriação específica, passou a ser conhecido como Bar d’A Lôca, fazendo referência à casa noturna mais antiga em atividade na região e na Frei Caneca⁸. Hoje o bar mantém a preferência do público que se desloca para a rua, a qual possui uma dezena de lugares semelhantes ou de maior prestígio desde o início da década de 2000, dentro de um contexto de alteração comercial e imobiliária da região.

Essa ampla, e resumida, descrição apresenta alguns dos lugares e contextos que ajudam a compreender a sedimentação das identidades e definições circulantes (e circundantes) da Rua Frei Caneca. Mas essas definições não surgem e nem obedecem a uma imposição macrosocial da cidade, da rua e da esquina; circulam por entre as calçadas, os bares, as mesas e as

caminhadas. Circulam por entre as pessoas, mudam os lugares das pessoas, dos bairros, das regiões, dos centros. Mudam São Paulo.

Sociedade na esquina: convergência de caminhos na rua, divergências de sentidos nas identidades

“Mas não tem quase ninguém que anda lá pra baixo. Quer dizer, tem um povo que vai na sauna, daí desce, mas é quem está *sem grana* mesmo, porque tem coisa melhor que isso (a sauna) aqui na rua, não é, gato?” (Márcio, 21 anos, conversa)

De onde se parte para falar de uma rua ou uma esquina? Não seria essa definição um exagero metodológico para caber numa etnografia, já que esta não daria conta nunca da totalidade de uma rua, por menor que ela fosse? E, neste caso, a Frei Caneca tem um quilômetro e meio de extensão, dezenas de prédios residenciais, comerciais, hotéis, um shopping, mais prédios sendo construídos, enfim, uma infinidade de possibilidades para serem exploradas. Minha opção pelo estudo da rua, portanto, se dá em duas

frentes: tratá-la como agente discursivo, sendo tomada em sua totalidade no que diz respeito a um contexto citadino mais geral e tratar, na rua, de um contexto específico, mais situado, volta-do em parte para a vida noturna. Dessa forma é possível vislumbrar a rua, seus lugares e seus agentes em movimentos para dar a dimensão do que chamo de aproximação etnográfica proces-sual⁹. O tratado sobre o campo na esquina segue muito da argumentação de Lopes (2013), ao se referir à pesquisa realizada em dois centros urba-nos localizados em realidades nacionais diversas, São Paulo (Brasil) e Porto (Portugal):

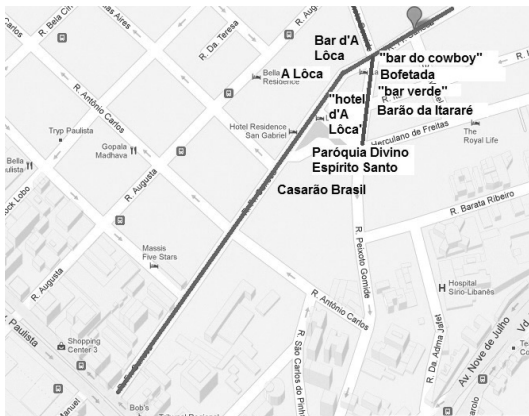
“É ofício do sociólogo-etnógrafo, por conse-guinte, transformar a novidade (...), a surpresa e o choque em novos problemas que a pesquisa ten-tará aclarar. (...) a imersão de que há pouco falei levou-me a exercitar o método do andante, muito próximo do que Mônica de Carvalho apelida de ‘narrativa itinerante’ (...). As narrativas itinerantes abordarão os terrenos empíricos como configura-ções (no sentido que Elias lhes confere: redes de interação e interdependência, das mais simples – encontros, conversas – às mais complexas socieda-des urbanas) e terão onnipresente a preocupação de compreender trajetórias de sujeitos no diapasão dos espaços-tempos e cenários de interação, isto é, as singularidades que os contextos estimulam ao acionarem certas disposições em detrimento de outras.” (LOPES, 2013, p. 52-53)

A noção de “narrativas itinerantes” parece in-teressante para pensar o processo de inserção me-todológica e analítica e, ainda que dessemelhante, como aproximada do que Perlongher (1987) entende como “territorialidade itinerante” ao pensar espaços citadinos sem fixá-los. Mas uma aproximação de pesquisa inclui necessariamente uma aproximação pessoal, seja de familiaridade, seja de estranhamento. No meu caso, há os dois processos em congruência: reconhecimento do

espaço e estranhamento da Frei Caneca. Morei durante muitos anos numa rua muito próxima à Frei Caneca, ir para lá sempre foi um caminho fácil, simples, tranquilo, acessível; mas mesmo essa certa familiaridade não impediu contextos completamente inusitados, parte do acompa-nhamento da dinâmica da rua, do espaço urbano público e aberto. Se por um lado me aproximo do campo “de perto e de dentro” (Magnani, 2002), é impossível não aventar a necessidade de uma posição aproximativa que estranha o comum aos olhos do pesquisador, como aponta Velho (1978). Este apontamento metodológico importa tanto no que tange à pesquisa urbana quanto às inferências de estudos sobre gênero e sexualidade. Neste último ponto, por exemplo, é mister citar as contribuições de Haraway (1995) no que concerne à importância de saberes locais, o que aqui poderiam ser considerados encerrados unicamente na experiência individual. Por fim, se se pensa sobre espaço sob uma forma teóri-ca e metodológica em confluência com gênero e sexualidade é necessário considerar as proposi-ções de Massey (2008) no que tange à produção do espaço como relação social, ou seja, apenas possível dentro de uma relação que também é generificada. Assim, espaço e sexualidade são re-lacionalmente produzidos ao mesmo tempo.

Sigo alguns caminhos que chegam ao ou partem do Bar d'A Lôca., local aglutinador e formador de diferenças, não *per se*, mas por um contexto que o elegeu como parte da fau-na transitória dita gay na cidade de São Paulo. O bar nada mais é do que mais um dos botecos estilo “pé sujo”¹⁰ que prosperou com a enorme quantidade de pessoas que o frequentam nas noites dos finais de semana. Como fica muito próximo a A Lôca, tornou-se o Bar d'A Lôca, mas não tem relação direta com os proprietá-rios da casa noturna. Quer dizer, é uma espécie de “esquentar” para a casa, ponto de encontro, passeio e um dos destinos indispensáveis para

quem quer apresentar a noite paulistana de um ponto de vista menos glamouroso.



Mapa 2 – Detalhe da Rua Frei Caneca (em vermelho) na esquina com a Rua Peixoto Gomide (em azul), destacando alguns dos lugares citados no artigo. Fonte: Google, 2013.

Há três anos o bar passou por uma reforma que ampliou seu salão interno com a aquisição de um salão a lado, mas pouco mudaram as características gerais do lugar¹¹. Foram colocados azulejos azuis e brancos, mais mesas e cadeiras, mas a grande maioria das pessoas prefere mesmo ficar do lado de fora, na calçada. Há poucas mesas ali, poucas também no salão mais próximo à saída, e essas são as mais disputadas e, dependendo da quantidade de público, avançam ao espaço da rua. Como quem fica na rua não tem atendimento dos garçons é necessário que antes vá dentro do bar e pague pela cerveja, podendo trazê-la para a rua. Isso faz com que a circulação seja intensa e constante até o horário de fechamento, às 01h da madrugada, conforme lei municipal que impede que bares sem isolamento externo e acústica apropriada permaneçam abertos durante toda a noite.

Foram feitas diversas idas a campo no Bar d'A Lôca durante diferentes períodos do ano, em especial em alguns eventos, como a realização da Parada do Orgulho LGBT e feriados

prolongados. Dias e noites quentes, em especial no verão, também foram períodos preferenciais para idas a campo na rua, principalmente pela certeza de um contingente maior em relação a dias mais frios, os quais também foram considerados. É possível considerar que há um público mais cotidiano, principalmente formado por homens de cerca de trinta anos de idade, morador da região que está mais presente em quaisquer dias, sejam mais quentes ou frios. Nestes há também frequentadores de outras regiões, mas estes são mais frequentes nos dias de maior movimento, como citado acima. Dei preferência a esses dias de maior presença de pessoas na intenção de conversar com homens que se definissem como gays e viessem de outras regiões da cidade para este bar, na calçada. Interessava-me compreender os trânsitos e entendimentos sobre a cidade e aquela região em relação à sua localização espacial e sexual.

A estratégia de estar numa esquina também não é uma novidade na pesquisa social. Desde o trabalho de William Foote Whyte (“Sociedade de Esquina”, 2005, inspiração do título dessa sessão) esse meio de produzir dados sobre determinada realidade inspira novas investigações. No caso desta pesquisa, no entanto, não tem relação com determinados atores sociais específicos, em número reduzido, que circulam e ordenam as relações a partir da esquina, como no caso de Whyte, mas num momento de aglomeração e lazer. Ainda assim, dadas as especificidades de cada inserção, há a necessidade de “entrar” e “sair” dessa “sociedade” produzida na esquina, no momento do encontro e na espera de amigos.

Ciente de que minha presença não é incólume, as idas a campo nessa esquina são acompanhadas de alguns cuidados, como me portar de forma semelhante a um frequentador comum. Evito anotações em cadernos, optando pelo uso de celular como acessório de notas de campo, utilizo de roupa comum, mas

não muito simples, já que há uma preocupação local com a vestimenta, entre cores mais chamativas, camisas de cortes específicos (gola V, camisas estampadas), calças mais justas, etc. Corporalmente há adereços e cortes de roupas que não se ajustam bem ao meu tipo, então no geral posso ser tido como “sóbrio” na vestimenta. Mas a utilização de uma barba mais cheia é algo que chama a atenção de alguns frequentadores e pode iniciar trocas de olhares e início de paquera. Não me furto aos olhares, pois sei que isso inicia uma conversa, ainda que não haja alimentação de expectativas para além da pesquisa. É comum que esses rapazes entendam minimamente meus interesses e não invistam tanto numa relação afetiva¹². Por fim, a presença maior de homens brancos, assim definidos por eles mesmos, coloca em segundo plano a conversa com homens que se classifiquem como negros, de uma forma geral, mas mostra como região e raça/cor são fatores que, juntos, indicam uma relação entre Centro e periferia e centros e periferias, como destacado a seguir.

Num fim de tarde de domingo, circulando pela Frei Caneca, encontrei Silas (25 anos, Jabaquara) e Cássio (22 anos, Jardim Miriam)¹³ saindo do shopping, após dar informações sobre a região (ambos queriam saber onde era a sauna 269). Falei que fazia uma pesquisa sobre a rua e perguntei se poderia conversar um pouco com eles. Inicialmente reticentes aceitaram que eu os acompanhasse até próximo da sauna enquanto conversávamos e ambos se definiram como gays ao se referirem à própria sexualidade, bem como afirmaram serem brancos. Como meio metodológico de entender como compreendiam a rua e estar na rua pedi que me indicassem lugares que conhecessem ou gostassem:

Silas: “Ah, A Lôca, o bar da esquina, às vezes o Bar Verde¹⁴, é mais barato. Mas por aqui é caro.

O bom é que dá uns *boys* lindos! E na rua mesmo, bebendo, não precisa entrar em boate.”

Cássio: “Eu venho no shopping de vez em quando, sábado, encontro o Silas, a gente vem beber, encontrar umas *gays*¹⁵ aqui, se *pá* até tem mais gente que a gente conhece no bar, quer ver?”

De fato, na calçada do Bar d'A Lôca havia dois amigos de Silas e Cássio, ambos moravam nas proximidades:

Jorge (27 anos): “Na Frei Caneca, mais em baixo, a gente divide”

Silas: “Frei Caneca o caralho, viado, que a senhora mora na Paim¹⁶! Fala logo que você é travesti para o moço!”

Jorge (sem graça, assume morar na Rua Paim): “Mas é num lugar muito bom, tá!”

Mateus, 23 anos, companheiro de apartamento de Jorge, ri e não comenta nada, mas Silas insiste:

Silas: “Vai, Matt, fala que vocês moram num cortiço!”

Mateus: “É quitinete com vista para a 09 de Julho, é linda! [risos] Antes até dava medo um pouco, a gente saía e ficava meio assim, meio com cagaço de ser assaltado, mas faz um tempo que tem “coxinha”¹⁷ na frente do 14 Bis¹⁸. Apesar que tenho um amigo que mora lá, conheço um outro que mora aqui mais embaixo, na Frei mesmo, sem zoeira. Ele era vendedor na Anjo, você conhece?” (Afirmo que não, apesar de ter feito pesquisa no shopping.) “Era um *boy* fazível, não magia¹⁹. Era vendedor, se achava, *afe*! Mas a gente ia lá ferver na loja, tentava uns *vips*, uns esquemas, saca? Era legal, agora

mudou um pouco a loja, mas a gente passa lá de vez em quando para conversar com outras amigas.”

Eu: “Amigas mulheres?”

Mateus: “Não, amiga viada mesmo! A gente quase não conhece sapatão. Para você ver sapatão tem que ir lá no Tirrenos, aqui no Bar Verde, aqui no Bar d’A Lôca tem pouco”

No burburinho do Bar d’A Lôca há dois espaços que as pessoas reconhecem como lésbicos: o “bar da sinuca” e, em menor intensidade, o Tirrenos, misto de bar e restaurante. Digo menor intensidade como meio de “medir” o entendimento que as pessoas têm de tal ou qual lugar, já que não se trata aqui de um levantamento quantitativo, mas de uma percepção de percepções. E como realizar etnografia num ambiente movimentado e na calçada, espaço de circulação intensa nos horários priorizados para a pesquisa, é quase uma ação de inteligibilidade ante o aparente caos foi impossível não perceber um direcionamento de diversas falas em relação ao “bar da sinuca”, mais próximo: “É verdade, lá só tem “racha”²⁰ e moleque, desses pivetes que ficam aí na rua!”, grita um; “Se você fica na rua vai acabar lá, fica aberto a noite toda, fim de noite total!”, comenta outro; “Eu achei da hora!”, afirma uma mulher. São falas que surgem como somem, mas ajudam a formar o espectro de noções sobre os espaços e a rua.

Silas e Cássio desistiram de ir à sauna e ficaram no próprio bar, com Mateus e Jorge, os quais também se definiram como gays, apesar das piadas dos amigos. A ideia era beber um pouco, ainda eram 20h, e decidir para onde ir depois:

Cássio: “Se a gente encher a cara ainda tem A Lôca aqui do lado, mas não gosto tanto de lá,

nunca sei o que vai tocar. Às vezes é o máximo, mas às vezes é uma merda. O que salva é o povo, tem uns caras gatos, muito gatos, mas acho que vamos para a Bubu²¹.”

Eu: “E como sabem o que vai tocar na Bubu hoje?”

Cássio: “Tem gente que entrega flyer aqui, mas lá também não muda. Capaz até de irmos para a Blue²²”

Eu: “Mais alguma? Nenhuma balada por aqui?”

Cássio: “Bom, tem a Bofetada²³ lá do lado, mas lá é meio...”

Silas: “Lá é um horror! *Só bicha pobre, feia, parece que você está na República!* E não tem ar condicionado, é tudo na base do ventilador! Não vou lá não!”

Eu: “Mas em mais nenhum outro lugar por aqui? Augusta?”

Silas: “Mas na Augusta tem viado²⁴? Só vejo skatista, mano, essas coisas. Não, balada de viado não é na Augusta.”

Apenas nestes excertos de falas há alguns pontos a serem destacados. A quantidade de lugares elencados sugere uma ligação de proximidade maior entre certos espaços de lazer da cidade que não estão geograficamente aproximados. Blue Space, Bubu Lounge e Bofetada, por exemplo, surgem como espaços possíveis de deslocamento num domingo, sendo alguns preferíveis a outros. A Lôca, também citada, não está entre os lugares de preferência. Essa parece ser uma ideia amplamente compartilhada entre os frequentadores da rua, da região e dessa esquina. Não necessariamente sobre

o Bofetada, mas sobre locais que não vão, ou não iriam, por considerar feios, semelhante a lugares localizados na região do Arouche – República, com gente “cagada”. Estão em jogo marcadores como ideias de classe social/poder aquisitivo, raça/cor e gênero. Quanto mais afeminados, mais pobres e escuros, conforme alguns outros interlocutores.

Essa definição e contraposição a tipos e lugares indesejáveis ficou mais clara na conversa com algumas outras pessoas, como Adriano. Alto, branco, de olhos claros, auto-definido como gay, Adriano tinha 23 anos e havia se formado em Jornalismo na Fundação Cásper Líbero, no número 900 da Paulista, morava com os pais na Bela Vista. Como lugar melhor para conversarmos escolheu outro bar, o Frey Café & Coisinhas, bastante próximo ao Shopping Frei Caneca, por ser “mais arrumado”: “o Bar d’A Lôca também é gay, mas é muito ‘cagado’.”

Adriano relaciona o poder aquisitivo a uma maior tolerância, informação e “cultura”. Segundo ele, na região e no shopping era clara a circulação de pessoas com menor poder aquisitivo e, portanto, menos informação e formação:

“Pessoas de menor poder aquisitivo são mais ignorantes, têm mais preconceito, são muito *tadinhas, cagadinhas*. Mas ainda assim acho que há pessoas de menor poder aquisitivo com a mente mais aberta no Frei Caneca. Mas na minha opinião a pessoa ter mais grana, ser de família, faz com que seja mais de boa com o fato de ser gay, de ela mesma ser gay. Na verdade o shopping se tornou um ‘antro gay’, mas isso é bom, porque as pessoas podem se cumprimentar com beijos, trocar afeto sem maiores problemas. No começo achei um shopping normal, depois que fui percebendo em dois lances de paquera. Um deles foi no banheiro do shopping. Eu estava no microtório e o cara do lado começou a mostrar o pau

duro, tentar pegar em mim, caí fora e me toquei que rolava bastante disso lá. [risos] Não venho aqui para passear. Porque, assim, tudo está atrelado ao dinheiro, ao poder aquisitivo. Quanto menor a classe social, mais bicha *pco*, bicha *poc-poc*²⁵, menos educação e cultura. Porque há gays afetados e gays homens, mas estes são difíceis de reconhecer que são gays.”

Eu: “E como você definiria a Rua Frei Caneca, onde ela fica na cidade?”

Adriano: “A rua fica no Centro, na velha Augusta, na baixa Augusta, teoricamente mais pobre. A Augusta tem ar de Centro, tem mendigo, puta, dá medo de ser assaltado mais lá para baixo. Já a Frei Caneca é gay, então se você desce a rua não fica com tanto medo porque gay não é violento, você se sente em casa. A rua é tranquila mesmo estando cheia. A Frei Caneca é acolhedora, você se sente à vontade. Mesmo os funcionários do comércio daqui têm a cabeça mais aberta de tanto ver gay e a rua se tornou uma forma do gay ter seu espaço, toda cidade tem um espaço gay, o de São Paulo, o mais famoso, é aqui, a Frei Caneca. No Centro tinha uma rua gay antes da Frei Caneca, não lembro o nome, mas a rua gay agora é aqui, porque no Centro isso é minoria, o gay é muito marginalizado e a Frei Caneca é a melhor opção.”

No excertos destacados das falas de Adriano a Rua Frei Caneca que surge é identificada, positivamente, com alguns lugares, como o Frey, escolhido por ele para a conversa, o bar Barão da Itararé, localizado na Rua Peixoto Gomide e caracterizado por preços mais altos e um público mais velho. É Centro, baixa Augusta e tem em si uma circulação de pessoas de menor poder aquisitivo, mais “ignorantes”, “tadinhas”. Mas, ainda assim, há algo de positivo nessa ocupação menos desejável.

Ideia semelhante me apresentou Fernando, mais categórico inclusive na definição de Centro como localidade da Frei Caneca e, portanto, de pessoas indesejadas. Conheci Fernando por indicação de colegas, por ele ir frequentemente à Frei Caneca, principalmente ao Bar d'A Lôca e à própria A Lôca. Com 22 anos de idade, auto-identificado como gay, descendente nipônico, Fernando residia na Penha, bairro da Zona Leste, e trabalhava na Avenida Paulista. Por sua sugestão fomos até o Shopping Center ³²⁶, que para ele trata-se do mesmo espaço sobre o qual eu queria conversar, a região da Frei Caneca. Perguntei-lhe o que era a Frei Caneca:

“Para mim se resume ao shopping. Bar d'A Lôca só se for para encontrar os amigos, não gosto de lá. Prefiro o bar Barão da Itararé, é mais tranquilo, dá para ir com o namorado, tem um público diferenciado. No bar d'A Lôca tem muita *ploc-ploc*, acho desnecessária essa bichice toda.”

Fernando diz que o shopping tem um histórico gay e até pessoas do interior do estado conheceriam essa fama, mesmo sem nunca terem ido ao local: “lá tem muito *gayzinho*, mas é um lugar mais aberto. No shopping sempre encontro amigos, mas não vou passear lá. Lá é meio despudorado, você vai no banheiro e vê um pessoal no mictório”.

Disse ter ido apenas duas vezes n'A Lôca:

“N'A Lôca é cheio de *calopsitas*²⁷, gente com o cabelo colorido. Mas eu curto mesmo é ir na The Week²⁸ quando tem a festa Gambiarra. Há diferença entre o público de um lugar e de outro, na The Week a classe econômica é maior, se percebe pela conversa, também se percebe a formação da pessoa. Na verdade de balada gay na Frei só conheço A Lôca. Tem o Bofetada, mas é bar, o clima lá é legal, descontraído, o público

é diferente d'A Lôca, menos exagerado. E bar gay mesmo, para mim, só tem o bar d'A Lôca.”

E a Frei Caneca difere muito da Augusta?

“Muito! A Frei Caneca é gay, tem mais opções de baladas e coisas mais bonitas, a rua é mais bonita. A Augusta é mais submundo, mais *dark*, de construção antiga. Lá circula um pessoal mais... *indie*, rock, *over*, exagerado. Mas o pessoal das duas ruas circula entre elas. Mas é impossível não saber que a Frei Caneca é gay, isso está em guias turísticos. Aqui é a região gay de São Paulo. Aqui é Zona Sul, a Paulista é Zona Sul, mas a Frei Caneca é mais Centro. Eu moro na Penha, aqui é muito mais elitizado que lá, e eu viveria de boa aqui, até porque no meu bairro eu só moro, não faço nada por lá, saio mais por aqui. Além daqui há gays também no Centro-República, *lá tem uma concentração de gay sujo*, se você conversar muito tempo pode até pegar uma doença, Aids, por exemplo. Lá as pessoas se vestem de maneira mais chamativa, mais colorida, são menos instruídas, tem gente muito magra, tipo com cara de doente mesmo. Na República também está cheio de travestis e garotos de programa, coisa que não se vê aqui na Paulista.”

Márcio, autor da fala descrita na epígrafe, está em frente ao Bar d'A Lôca, fuma e bebe uma cerveja no fim de uma tarde de sábado. Está sozinho, mas aguarda mais dois amigos, de idade semelhante à sua, 26 anos. Mora com os pais e um irmão mais novo na Vila Matilde e todos sabem que “eu venho pra cá. Trabalho a semana inteira no banco, ganho meu *aque*²⁹, eles nem me enchem o saco. Mas já me encheram bastante, inclusive por eu ser gay.” Márcio diz vir com frequência à Frei Caneca a partir da Augusta, mas se utiliza do caminho pela

Augusta – Peixoto Gomide para chegar ao Bar d'A Lôca, por exemplo:

Márcio: “Na Frei Caneca não tem nada! Se você desce pela Augusta já é metade da diversão, en-
contra alguém, é ótimo. Na Frei Caneca você
não vê ninguém.”

Eu: “Mas nós estamos na Frei Caneca...”

Márcio: “Ah, mas é o bar d'A Lôca, é o shopping,
é isso, é aqui que concentra. Quer dizer, tem
uma molecada que fica aí na rua, aqui do lado...”

Eu: “Na Peixoto Gomide?”

Márcio: “É, é bem aí, um povo jogado. Agora
está de boa, está tranquilo, mas logo eles
chegam.”

Márcio mapeia mentalmente a Frei Caneca, tirando-a do próprio traçado da rua. Pensar a dinâmica da Frei Caneca sem considerar as relações com outros espaços, outras ruas, outros bairros, é um equívoco. Ao menos se se pretende pensar na dinâmica que produz uma rua, um espaço da cidade como “gay”. O que as falas destacadas sugerem é que o sujeito, e o espaço, assim entendidos obedecem a legitimações que interdita acessos a quem não se encaixa. De forma geral, a afeminção eclipsa outros marcadores, fazendo com que estes orbitem em torno da generificação mais feminina. Ser mais pobre, menos desejável, é ser afeminado. Ser mais negro, menos desejável, é ser afeminado. Ser de um bairro distante, menos desejável, é ser afeminado. Estar num bar ao lado, mas conter tais marcadores, é estar na periferia. E estar na periferia, no caso desta análise, é estar na região da República.

Ser afeminado ou mais masculino não são dados prontos, mas produzidos na relação. Seguindo a argumentação de Brah, o sujeito

tido como afeminado nas falas de Fernando, por exemplo, existem relacionalmente, a depender de sua localização. Adriano, ao escolher o Frey como espaço de conversa, coloca outros sujeitos circulantes na região em lugar periférico de seus interesses afetivo-sexuais, mas também na periferia da cidade no contexto aqui abordado. O que a pesquisa infere é a posição de quem fala como mediador de Centros e periferias no que tange à cidade em confluxo com sexualidades, trata-se de um processo que ocorre concomitante à elaboração de si.

Segue a dinâmica da rua, as pessoas passam, param, conversam umas com as outras. Algumas seguem outros caminhos, se dirigem para a continuação da Peixoto Gomide indo no sentido do Barão da Itararé, sentam nas calçadas, onde quase uma centena de rapazes e meninas muito jovens já estão. Bebem, riem, andam para a outra calçada. A circulação parece indicar caminhos muito diversos, mas a concentração mostra certos centros de interesse e lugares de paragem, como o Bar d'A Lôca. Pode-se entrar nele ou não, mas passa-se por ele e, estando lá, define-se quem se é. Estar em outro bar, em outra parte da esquina pode apresentar outra configuração ou mesmo outro mapeamento da cidade.

A rua não fica parada: algumas considerações finais

O tema das legitimações acerca do pertencimento ou não da rua, de quem pode falar sobre ela, defini-la, agir em seu nome, fazer parte de sua vida, circular por, alicerça as idas a campo e falas com interlocutores. No centro da questão o Centro: a Frei Caneca é central geográfica e simbolicamente. E no centro dos discursos está também a definição de uma sexualidade permitida, mas não permissiva; controlada e bastante homogênea, assemelhada muito ao que infere Rubin (1993) sobre sexualidades “boas”

ou “más”. Não creio estar descrevendo novidades nesse sentido, mas creio poder trazer à tona parte de novas conformações epistêmicas: cidade e sexualidade, dois pontos convergentes de compreensão da vida social.

Assim como nas conversas descritas anteriormente as falas de funcionários do Bar d'A Lôca durante a realização da Parada do Orgulho LGBT de São Paulo dão um pouco do tom de ponto de convergência do lugar. Boa parte dos bares desse pedaço ostenta bandeiras, balões, infláveis, menos o Bar d'A Lôca: “Não precisa”, afirma um garçom, “as pessoas vêm para cá de qualquer jeito”. Em frente ao bar O Frei em dois anos seguidos foi montado um palco com apresentação de drag queens e gogo boys seguidas de música eletrônica. A rua fica tomada na esquina, acompanhando também a iniciativa do Bofetada em colocar caixas de som; mas as pessoas circulam mesmo no Bar d'A Lôca.

Parte da dinâmica da Rua Frei Caneca tem sua intensidade alterada à época da realização da Parada, visto que esse espaço fica no meio do percurso da manifestação. A cidade fica bastante movimentada, mas, certamente, não é a cidade toda. Ainda assim a maior parte dos participantes do evento que não são da cidade estão nela também para visitarem a cidade.

A programação do evento é anterior à data da marcha, mas já na quarta-feira anterior ao feriado de Corpus Christi, ponto temporal referencial de realização da Parada, há uma grande movimentação de pessoas, festas e eventos paralelos no intuito de atrair a público circulante em São Paulo. Parte desses eventos, para muitos dos visitantes, é estar na rua, como passear na Frei Caneca. Há diversos guias para estrangeiros que indicam um passeio na rua como forma de conhecer a vida gay que vibra em São Paulo, desde o shopping, por vezes definido como direcionado ao público gay, até os bares e casas noturnas dos arredores³⁰. Seria

leviano afirmar que a programação da cidade por conta da Parada se volta exclusivamente para os arredores da Paulista e se concentra na Frei Caneca: há um espriamento de possibilidades de consumo e diversão privados na Zona Oeste e uma ocupação intensa e histórica na Avenida Vieira de Carvalho, imediações do Arouche – República. No entanto, a presença de um grande contingente de pessoas circulando por entre a Frei Caneca e a Augusta, apesar de em alguns momentos se assemelhar ao movimento da Vieira de Carvalho, se difere dessa frontalmente no sentido atribuído ao espaço ocupado.

Isso ficou claro em 2011, quando do encerramento da Parada na Frei Caneca, ao menos para algumas das pessoas que já não seguiam o comboio de trios elétricos e festeiros rumo à Praça Franklin Roosevelt. Grupos de seis, sete, quinze pessoas, descem a Frei Caneca para chegar até a Consolação. Alguns já ficam por lá mesmo, vão para o Frey: “Agora o lance é ficar na Frei Caneca, ninguém mais vai até a República, lá só tem *gente feia*.”, comenta um rapaz com o amigo. Fato é que muito mais gente desce para a República e arredores - e lota bares, saunas, casas noturnas, cinemões, mas, principalmente as ruas – do que permanece na Frei Caneca. Mas estar na Frei Caneca é estar entre as pessoas bonitas, atraentes, as que interessam.

Se por um lado as “narrativas itinerantes” destacadas oferecem pistas para a compreensão da produção de diferenças na cidade, por outro as “territorialidades itinerantes” produzidas surgem a partir da intersecção de diferentes marcadores. Essa última expressão, como cunhada por Perlongher, sugere espaços na cidade reconhecíveis por determinadas qualidades dos michês que lá trabalham (como trechos de ruas mais “masculinas”, mais “negras”, mais “perigosas”, por exemplo), se aproxima do que aqui analisamos,

espaços de contraposição quando a pessoa se refere a si mesmo como sujeito sexualmente legítimo. Interessante como a ideia mesma de algo periférico, mais perigoso e mais negro é descrito por McClintock (2010) no contexto da Londres do século XIX. Os diários analisados pela autora dão conta de uma cidade possuindo um quinhão de seu território em algo imaginado a milhares de quilômetros, no coração do continente africano, entre populações selvagens e bestializadas. Essas são as classes laboriosas moradoras das franjas londrinas, enegrecidas pelo carvão, bestializadas pela sociedade “central”. Não estão no Centro.

Sexualidade produzindo a cidade. O que parece se destacar mais do lugar e da ênfase dada à consideração sobre lugares de sociabilidade conhecidos e reconhecidos como gays, ou de presença maciça homossexual, é a possibilidade de apreensão social e geográfica de São Paulo a partir de uma matriz semântica baseada em diferenças. Tais diferenças se expressam, primordialmente, num entendimento que se tem sobre posturas, comportamentos e índices de identidades sexuais que circulam em torno de uma ideia geral de homossexualidade masculina, de uma ideia de ser gay. Aqui exprime-se com muita clareza que esse ser gay é mais bem apreensível analiticamente por um estado, por um estar gay: quando falo de mim, ao me referir ao sujeito que fala de si, me contraponho ao outro alocado em outro espaço, em outro lugar. Narrativas itinerantes surgem alocando territorialidades itinerantes e os lugares de identidade podem mudar, apesar de parecerem um mesmo espaço ou fixados. Não pretendo sugerir que isso seja universal nem no escopo do apresentado aqui e nem na dinâmica de relações e espaços de sociabilidade gay, mas parece haver um processo mais geral de definição de si em contraposição a um outro que semanticamente não está próximo³¹.

Vejamos o exemplo das relações construídas numa espacialidade como uma esquina, o cruzamento de duas ruas não muito largas e que ganham as definições aqui apresentadas a partir de um uso, ocupação e apreensão cujo vetor é o encontro mediado pelo lazer, consumo e interesses afetivo-sexuais. No espaço de alguns metros pode-se encontrar desde uma mancha gay até uma mancha bicha, viada, “pco”, “ploc-ploc”. Quem fala do Bar d'A Lôca e olha para a esquina oposta, logo à frente, se define como gay, mas não vê ou observa gays. A própria dinâmica desse bar embaralha o que poderia sugerir uma contraposição fixa: consumidores e passeantes dessas ruas circulam por entre as pessoas do Bar d'A Lôca assim como se deslocam para a outra esquina, seguem até o alongamento da Peixoto Gomide à Augusta, vão ao Frey.

Mas nem todos fazem isso: Adriano, no Frey, é categórico ao dizer que não vai ao Bar d'A Lôca, assim como Fernando descreve um desprazer no lugar e na casa noturna que o referencia, A Lôca. Ambos, Adriano e Fernando, mostram que são gays, e não outra coisa, porque não estão nesses espaços aos quais alocam um outro entendimento de sexualidade ilegítima. O espaço que ocupam e demonstram interesse e suas próprias definições de identidade social ligada às suas sexualidades passam por um processo de legitimar a si e às suas escolhas ao mesmo tempo que deslegitimam aos outros que parecem não terem feito escolhas semelhantes. Essas falas ficam marcadas por uma ideia de fixidez de espaço e sexualidade que não se sustenta na observância da dinâmica local.

Além disso, vale salientar, a cidade que surge é tão múltipla quanto os caminhos possíveis para os lugares descritos, ou seja, obedecem a alguns padrões, mas não se encerram numa definição unívoca. Vejamos a ideia de Centro da cidade: estar no Centro pode ser o lugar onde se está, ao mesmo tempo que o lugar em que não

se quer estar. Mais uma vez Adriano e Fernando encerram a rua e a região numa ideia de Centro da cidade que é indesejável, dentre outras coisas, principalmente pelo tipo de pessoa que congrega. Frei Caneca e Bar d'A Lôca têm pessoas que não são como eles e são pessoas do Centro. E essas pessoas encerram em si uma homossexualidade fixada na via da feminilidade e da pobreza, do gosto duvidoso e da falta de (in)formação, resumidas pelas expressões nas quais são definidas (bicha, viado, "poc-poc"). Não há dúvidas de que essas outras pessoas, essas outras homossexualidades, não fazem parte do centro de interesses e, portanto, não estão no espaço onde quem fala está, ainda que esteja no Centro.

Outras falas alocam essas pessoas, as do Centro, e o Centro da cidade, também a uma distância de si e congregam uma outra definição ao que entendem por essa centralidade: ela é Arouche – República nos sentidos que encerra, essas pessoas são de lá. Elas vêm para perto, para o Bofetada, por exemplo, mas estão distantes, não são iguais. Gupta & Ferguson (2000) apontam o aspecto de constructo social do entendimento sobre o espaço, o qual se torna compreensível pelas relações que abarca e não como algo em si. Além disso, como essa produção do espaço infere hierarquias e diferenciações: "Compreendendo-se a atribuição de sentido como uma prática, como se estabelecem os sentidos espaciais? Quem tem o poder de tornar lugares os espaços? Quem contesta isso? O que está em questão?" (p. 37).

Há de se salientar que a ideia de Centro de São Paulo tem mudado bastante, mas ainda é genericamente definida pela sujeira, perigo e violência. Imagens veiculadas em grandes veículos de mídia resumem o Centro de São Paulo à existência da Cracolândia e do tráfico de drogas, aos moradores de rua e mendigos, a trombadinhas e batedores de carteira, ao comércio popular das ruas 24 de Março e Direita,

às ocupações de prédios por movimentos sociais, à prostituição de homens e travestis. Por outro lado também se fala de processos pontuais ou generalizados de "requalificação" ou "revitalização" da cidade tendo-se como principais veículos de entendimento desse processo o incremento cultural pela via institucional: reforma e novos usos de edifícios históricos, reformas de praças que geralmente visam a expulsão de tipos indesejáveis como moradores de rua, compra de imóveis tidos como degradados por preços muito baixos, como os cinemas-palácio utilizados como cinemas pornôs, para a criação de novos centros culturais, eventos que tragam "outros tipos de pessoas" para o Centro, entendidas como de maior poder aquisitivo e formação, como festas na rua e a Virada Cultural. Esta última, por exemplo, traz em si a marca da ocupação da cidade, ainda que essa ocupação se dê essencialmente nas ruas que formam esse Centro, histórico e abandonado.

Como o que surge nessas falas não é um Centro geográfico, cuja definição territorial o definiria, há de se compreender as marcas que localizam o Centro oficialmente. A Sé, de onde todas as numerações das ruas da cidade se iniciam, marco zero e referência de Centro, some no campo estudado. Mas até a Sé não é epicentro: o definido como Centro se espalha para o sul nos limites da Bela Vista, segue a oeste até as imediações da Santa Cecília, a norte até o Bom Retiro e os limites do Rio Tietê e a leste não ultrapassa o Glicério e o Parque Dom Pedro II. Nestes limites, inclusive, a porção leste o Centro é a menor, enquanto a oeste, que engloba Arouche e República, é maior³².

Assim também a Frei Caneca congrega e se distancia do Centro. E congrega e distancia diferentes formas de expressão das sexualidades. Mas isso não ocorre sem mediações que hierarquizem esses distanciamentos, marcados por sentidos simbólicos do que seja ser gay e estar no

Centro da cidade, ser centro do entendimento sobre a cidade e a vida e alocar o outro numa “periferia” fora de seus próprios interesses. A rua está lá, nos limites da Avenida Paulista e da Rua Caio Prado, paralela à Augusta, no bairro da Consolação; mas a rua também não está lá, muda para a República, para o Centro. É Centro e periferia ao mesmo tempo, num espaço de poucos metros. Centraliza e periferiza ao mesmo tempo. Mais do que um modo de entender a sociabilidade construída num espaço, ou dentre espaços e lugares diferentes, como tomar a análise a partir de dois bares que pareceriam diametralmente opostos no que concerne às definições sócio-sexuais de seus frequentadores, o que surge é a dinâmica da diferença na cidade de outro ponto de vista, o ponto de vista das definições de sexualidades que produzem cidades. Sexualidade é boa para pensar espaço.

Notas

- 1 Utilizo aspas aqui ao me referir ao Centro da cidade entendido como espacialidade oficial no sentido de dar ênfase a como essa ideia é produto das relações delineadas no decorrer do artigo. Como as referências ao Centro se dão de forma descontinuada à sua localização, mas se utilizam amplamente da ideia mais geral de Centro (degradado, sujo, violento, etc), irei seguir utilizando o termo sem aspas a fim de facilitar a leitura indicando casos específicos em que seja necessária uma explicação mais detalhada. Além disso, em diversos momentos haverá referências a um centro que, em letras minúsculas, se refere a algo que seja central em falas, discursos e definições, e não a uma espacialidade da cidade. A ideia apresentada neste artigo de Centro, e Centros, segue muito proximamente a definição de centralidade conforme cunhado por Frúgoli Jr. (2000), a qual se aproxima de uma definição social de Centro da cidade mais do que um Centro oficial. Assim, a ideia de centralidade pensa condições e meios de produção de Centros, como os movimentos do capital financeiro em direção à Zona Sul da cidade, por exemplo, ou a identificação dos sujeitos com uma região mais central em detrimento de outras, mesmo que próximas. A realidade social descrita e analisada aqui mostra como o Centro da cidade está relacionado, dentre outros fatores, às centralidades dadas a determinadas expressões de sexualidade legitimadas.
- 2 Minha dissertação de mestrado, intitulada “Se essa rua fosse minha: sexualidade e apropriação do espaço na ‘rua gay’ de São Paulo”. O trabalho envolveu desde idas a campo até a análise de novos projetos imobiliários, principalmente residenciais, e os mapas e indicações turísticas que produzem a região e a cidade como lugares “gays”, “LGBTs” ou mesmo “queers” tendo como vértice metodológico a Rua Frei Caneca. A escolha da esquina com a Rua Peixoto Gomide em parte diz respeito à sua grande ocupação nas noites e finais de semana, como será melhor descrito mais abaixo.
- 3 Ambas oficialmente se localizam no bairro da Consolação, entre a Avenida Paulista e o Centro (oficial) da cidade.
- 4 A ideia da Frei Caneca como “rua gay” se tornou mais relevante em meados de 2008, quando o empresário Douglas Drumond, então proprietário da sauna gay “269” e presidente da “Associação GLS Casarão Brasil”, e hoje proprietário do “hotel para solteiros” “Chilli Pepper, apresentou à imprensa o projeto de oficializá-la como “rua gay”, assim como outras ruas temáticas na cidade (Puccinelli, 2013, p. 120). À época o tema tomou conta de veículos direcionados e de atores envolvidos mais diretamente com aquela região da cidade, como a Sociedade dos Amigos e Moradores de Cerqueira César (Samorcc) na figura de sua então presidenta Célia Marcondes.
- 5 Essa expressão surgiu em algumas matérias que indicavam a rua como lugar para ser visitado em São Paulo, principalmente em guias direcionados a visitantes na cidade por ocasião da Parada do Orgulho LGBT.
- 6 A inauguração do shopping em si, em 2001, não representa uma mudança substantiva com relação à definição da identidade da rua, visto que essa já tinha uma movimentação de pessoas identificadas como “gays” anterior, frequentando a casa noturna A Lôca ou a sauna gay

- Labirintu's 2, ambas localizadas na Frei Caneca. Mas o shopping representa um incremento imobiliário inicial para a década de 2000, deslocando a ideia de que uma rua já histórica e amplamente ocupada dificilmente teria o investimento residencial que se observa atualmente. Além disso, o Shopping Frei Caneca foi palco da expulsão de um casal de rapazes que trocavam beijos e afeto, seguido de protesto intitulado “beijaço” e processo com base na lei estadual 10.948/01.
- 7 Utilizo o termo gay ciente de que este não encerra o entendimento que se pode ter sobre a(s) homossexualidade(s) masculina(s). Gay comumente aglutina uma ideia de homem branco, com alto poder aquisitivo e é um termo menos depreciativo em comparação com outros, como bicha, viado, etc. Dou preferência por utilizá-lo como identificador comum por este ser amplamente acionado no campo da pesquisa, mas irei apontar diferenças ou utilizar outras terminologias quando se fizer necessário. Sobre o tema ver Fry (1982) sobre hierarquia e igualdade suposta no termo entre classes médias urbanas; Carrara & Simões (2005) numa aproximação de cunho histórico da produção acadêmica; MacRae (1990), cuja pesquisa inclui a discussão política do termo “bicha” como meio de afirmação; e França (2012) sobre as diferenças de termos em diferentes contextos na cidade de São Paulo. Não irei grafar o termo com aspas para facilitar a leitura.
 - 8 A Lôca existe desde 1997 e era conhecida, inicialmente, por uma programação de música eletrônica *underground* e noites de rock. De casa “mix”, com diferentes tipos de públicos, A Lôca passou a ser mais definida em geral como casa noturna gay, ainda que não haja uma homogeneidade no público frequentador, como pode ser observado em outras casas noturnas reconhecidas como direcionada a esse público.
 - 9 Uma etnografia no entremeio, sem pretender dar conta de um passado ideal de construção dos símbolos ligados à rua, e à “rua gay”, tampouco de um presente estático e muito menos da previsão de um futuro.
 - 10 Bares pouco arrumados, com grandes balcões e oferta de salgados, lanches e refeições simples. A maior parte dos funcionários, quase a totalidade, é formada por homens. Há algumas mesas e cadeiras de ferro e iluminação clara e branca de luzes fluorescentes. Não há música e os banheiros são pequenos.
 - 11 Nos últimos anos quase todos os bares semelhantes da Rua Frei Caneca passaram pelo mesmo processo, mudando sensivelmente a aparência destes lugares.
 - 12 Facchini (2008) observa algo semelhante no trânsito de mulheres que gostam de mulheres entre o “centro” e os “bairros”. No que tange às aproximações afetivo-sexuais em campo, sigo de perto as considerações de Braz (2012) e Kulick (1995), os quais inserem tal dimensão como parte do campo, da qual qualquer pesquisador deve estar ciente das limitações e possibilidades de interação. O pesquisador, assim como ses interlocutores, também é um ser passível de interesse a outrem.
 - 13 Jabaquara e Jardim Míriam são dois bairros próximos localizados na Zona Sul da cidade. Ambos são conhecidos por serem ocupados por classes mais baixas e pela proximidade com cidades da região metropolitana, entendidos como bairros periféricos de São Paulo.
 - 14 O Bar Verde fica localizado na Rua Peixoto Gomide, esquina oposta à do Bar d'A Lôca. Hoje em dia tem programação de festas que viram a noite, como uma casa noturna, mas antes era apenas bar.
 - 15 É muito comum em grupos de homens que se definem e se tratam como gays, viados ou bichas haver a declinação de palavras masculinas de tratamento para o feminino, como no exemplo em que se diz “a gay” e em alguns outros exemplos que se seguirão. Como faz parte do léxico não irei utilizar sic, visto não se tratar aqui de um erro gramatical ou ortográfico. Em campo não foi possível observar grandes diferenças no uso desse tratamento entre pessoas que seriam classificadas por sua classe social, esta recortada aqui principalmente na escolha dos lugares para encontro e lazer junto a outros marcadores.
 - 16 A Rua Paim faz cruzamento com a Frei Caneca em sua porção mais central e difere daquela por ter uma concentração maior de cortiços e moradores migrantes norteados. Atualmente passa por um processo de mudança residencial muito forte, com a derrubada de vários desses cortiços para a construção de edifícios de apartamentos direcionados a pessoas de maior poder aquisitivo.

- 17 Gíria para policial.
- 18 Um dos edifícios mais conhecidos da Rua Paim, com muitas unidades de quitinetes e uma galeria comercial no térreo. O 14 Bis é conhecido, ou definido, pela suposta presença maciça de moradoras travestis e de tráfico de drogas. Algumas pessoas definiram o prédio como invasão por sua aparência desgastada, mas isso não corresponde à realidade.
- 19 Modo de se referir a algum homem desejável com gradações. “Boy magia” diz mais respeito a um rapaz muito bonito e atraente, enquanto “fazível” é alguém com quem se pode sair, mas sem tanto entusiasmo.
- 20 Gíria para mulher com tom ofensivo, muitas não gostam de ser chamadas assim, preferem “amapô”.
- 21 Bubu Lounge, casa noturna que se define como gay localizada no bairro de Pinheiros, Zona Oeste da cidade e localidade valorizada.
- 22 Blue Space, casa noturna que se define como gay e se localiza no bairro da Barra Funda, Zona Oeste.
- 23 Inaugurado em 2011, o Bofetada Club fica na esquina oposta ao Bar d'A Lôca e é caracterizado por baixa luz, a presença de casais mais velhos na parte térrea, no bar, e pela presença de pessoas mais jovens, de 18 a 25 anos em média na pista, no piso de cima, dentre homens e mulheres. A casa é bastante abafada e atrai um público volumoso e fiel, apesar de várias falas em campo que o caracterizam como lugar indesejável. Após a inauguração do Bofetada outros três bares bem ao lado abriram suas portas, sendo frequentados por gays e lésbicas, mas possuindo um maior número destas últimas em relação a outros bares da região.
- 24 Outros entrevistados afirmavam haver um fluxo intenso de gays na Rua Augusta, paralela à Frei Caneca. De fato a Augusta congrega uma ocupação mais intensa e diversificada, além de fazer parte de trajetos que levam à Frei Caneca e vice-versa.
- 25 Tanto “ploc-ploc” quanto “poc-poc” são adjetivos que acentuam a afeminação de uma bicha, fazendo referência ao som de saltos altos. “PCO” é uma abreviação de “pão com ovo”, expressão que referencia pobreza e esse tipo de comida como única opção de alimentação.
- 26 O Center 3 é um shopping localizado na Avenida Paulista no quarteirão entre as ruas Augusta e Frei Caneca.
- 27 Fernando se refere ao pássaro branco de penugem amarelada no topo da cabeça, comparando-o a pessoas que teriam cabelos descoloridos ou tingidos de cores chamativas, frequentadoras d'A Lôca.
- 28 Uma grande casa noturna que se define como gay localizada no bairro da Lapa, Zona Oeste, e conhecida pela presença de frequentadores de maior poder aquisitivo. França (2012) tem uma interessante análise comparativa entre diferentes festas e casas noturnas de São Paulo que inclui um detalhamento sobre a The Week.
- 29 “Aquê” significa dinheiro.
- 30 Ver principalmente a descrição do mini guia gay produzido pela revista londrina Time Out por ocasião da Parada de 2011 em Puccinelli (2013).
- 31 É interessante com muito dessa dinâmica se assemelha, em parte, ao processo descrito por Barth (1998) sobre fronteiras, pertencimento e produção de identidades e à descrição de Evans-Pritchard (2005) sobre tempo e espaço. Seguindo os passos do povo nilota, assumir uma identidade gay que se distancia de uma identidade bicha pode ser comparado ao entendimento da distância nuer em relação aos dinka, ainda que estes estejam mais próximos de uma tribo nuer do que outra tribo nuer descrita como mais aproximada. Estar próximo não significa estar a poucos metros de distância, mas sim estar semelhante à definição que se tem de si como sujeito.
- 32 Nasci e cresci no bairro da Barra Funda, que hoje em dia é comumente ligada a uma proximidade com o Centro da cidade, mas nem sempre foi assim. Durante minha infância meus pais diziam que teriam que “ir à cidade” comprar presentes em datas festivas quando queriam se referir à grande loja de departamentos Mappin, localizada na Praça Ramos de Azevedo, já fechada. Para eles não morávamos no Centro ou em suas proximidades e teríamos de nos deslocar até a “cidade”, lugar de compras e preços mais baixos, mas também de perigo e sujeira. Àquela época já existiam as linhas de metrô que ligavam minha casa ao Centro e mesmo assim a distância estava posta; hoje esse entendimento já mudou e a Barra Funda não surge tão deslocada do Centro da cidade.

Referências Bibliográficas:

- BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, P. *Teorias da etnicidade*. São Paulo: Editora Unesp, 1998.
- BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 26, pp. 329-376, 2006.
- BRAZ, Camilo Albuquerque de. *À meia-luz... uma etnografia imprópria sobre clubes de sexo masculinos*. Goiânia: Editora da UFG, 2012.
- CARRARA, Sérgio & SIMÕES, Júlio Assis. Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 28, pp. 65-100, jan./jun. 2007.
- EVANS-PRITCHARD, Edward Evan. *Os nuer: uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2005.
- FRANÇA, Isadora Lins. *Consumindo lugares, consumindo nos lugares: homossexualidade, consumo e subjetividades na cidade de São Paulo*. Rio de Janeiro: CLAM/EDUERJ, 2012.
- FACCHINI, Regina. *Entre umas e outras: mulheres, (homo)sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo*. Tese de Doutorado em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.
- FRÚGOLI JR., Heitor. *Centralidade em São Paulo*. São Paulo: Edusp, 2000.
- FRY, Peter. Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil. In: _____. *Para Inglês Ver: Identidade e Política na Cultura Brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- GUPTA, Akhil & FERGUSON, James. Mais além da “cultura”: espaço, identidade e política da diferença. In: ARANTES, Antonio A. (org). *O espaço da diferença*. Campinas: Papirus, 2000.
- HARAWAY, Donna. Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 05, pp. 07-41, 1995.
- KULICK, Don. The sexual life of anthropologists: erotic subjectivity and ethnographic work. In: Kulick, Don; Wilson, Margaret (orgs). *Taboo: sex, identity and erotic subjectivity in anthropological fieldwork*. Londres: Routledge, 1995.
- LOPES, João Teixeira. Espaços públicos centrais em São Paulo e no Porto. In FORTUNA, Carlos; LEITE, Rogério Proença. *Diálogos Urbanos: territórios, culturas, patrimônios*. Coimbra: Edições Almedina, 2013.
- MACRAE, Edward. *A Construção da Igualdade: identidade sexual e política no Brasil da “abertura”*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.
- MAGNANI, José Guilherme Cnator. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. RBCS, vol. 17, n. 49, pp. 11-29, junho/2002.
- MASSEY, Doreen. Pelo Espaço: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- MCCLINTOCK, Anne. *Couro Imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.
- PERLONGHER, Néstor. *O negócio do michê: a prostituição viril*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- PUCCINELLI, Bruno. Se essa rua fosse minha: sexualidade e apropriação do espaço na “rua gay” de São Paulo. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2013.
- RUBIN, Gayle. Thinking Sex: notes for a radical theory of the politics of sexuality. In: ABELOVE, H.; BARALE, M; HALPERIN, D. (orgs.). *The lesbian and gay studies reader*. Londres: Routledge, 1993.
- VELHO, Gilberto. Observando o Familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira. *A Aventura Sociológica*, Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- WHYTE, William Foote. *Sociedade de Esquina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

autor

Bruno Puccinelli

Doutorando do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Recebido em 03/04/2014

Aceito para publicação em 01/12/2014